

APRESENTAÇÃO:

As faces da política internacional

Ana Regina Falkembach Simão¹
Adriana Schryver Kurtz²

Nesta edição, a *Século XXI* abre mão de seu dossiê temático para reunir artigos que expressam a diversidade da política internacional e a consequente pluralidade de análises e reflexões relativas ao campo. Ao chegar a sua sexta edição, a *Século XXI - Revista de Relações Internacionais*, uma publicação do curso de Relações Internacionais e do Núcleo de Estudo e Pesquisa em Relações Internacionais (NEPRI) da Escola Superior de Propaganda e Marketing – ESPM- Sul, reafirma sua proposta de oferecer aos leitores um amplo painel sobre as principais questões concernentes as Relações Internacionais num mundo cada vez mais global.

Desde o início do *Século XXI*, o aprofundamento de uma solidariedade Sul-Sul tem se evidenciado como um fenômeno cada vez mais relevante no contexto internacional. O IBAS é um caso exemplar deste modelo de cooperação que vem se constituindo num novo e importante polo de poder num momento de transição sistêmica que reconfigura as relações de poder global. Os países desta coalizão, embora ostentem diferenças históricas – e pontuais - nos campos social e político, buscam afirmar uma inserção internacional a partir de temas comuns que, de fato, causam uma inflexão sem precedentes na agenda mundial. Esse processo, em que pese o enorme desafio diante de décadas de unipolaridade, promove um reequilíbrio de forças centro/periferia no sistema internacional que não cansa de surpreender seus analistas.

Para além da instigante reflexão que fenômenos como o IBAS sugerem, a *Século XXI* ainda apresenta um painel no qual temos como pano de fundo os valores da civilização ocidental, reafirmamos a importância teórica para o campo e voltamos nosso olhar para reflexões que vão desde as clássicas análises sobre a unipolaridade e o papel da ONU no cenário global até olhares mais literários e, porque não, artísticos sobre o Oriente Médio, a exemplo do filme *Argo*. Nesta sexta edição, a revista convida seus leitores a um mergulho na diversidade e

1 Editora da Revista *Século XXI*, pesquisadora do Núcleo de Estudo e Pesquisa de Relações Internacionais (NEPRI) e Professora do curso de Relações Internacionais as ESPM-Sul. Doutora em História pela UFRGS. (anasimao@terra.com.br)

2 Editora Assistente da *Século XXI*, pesquisadora do Núcleo de Estudos em Jornalismo (NEJOR) e Professora dos cursos de Jornalismo e Publicidade e Propaganda da ESPM-Sul. Doutora em Comunicação e Informação pela UFRGS. (adrianakurtz@terra.com.br)

amplitude de um campo que, afinal, não para de incluir novos olhares e temáticas a um mesmo e permanente mundo.

Abrindo mais uma edição da **Século XXI**, o trabalho intitulado “**O IBAS como expressão das coalizões Sul-Sul: o caso do Fundo para Alívio da Fome e da Pobreza**”, escrito por Diego Pautasso e Bruno Iankowski, busca analisar a importância do IBAS e de seu Fundo para Alívio da Pobreza e da Fome no âmbito das novas coalizões Sul-Sul. O argumento central é o de que o IBAS, muito mais que uma coalizão momentânea, é resultado de uma ampla transição de poder marcada pela projeção de países emergentes, fazendo parte de uma alteração na correlação de forças em escala global. Para os autores, tais países emergentes são representantes de uma mudança de agenda, voltada, cada vez mais, para a ênfase na cooperação para o desenvolvimento e para a reforma das estruturas mundiais de governança. E, nesse sentido, “o Fundo contempla uma dessas razões, não menos importante, face tanto ao esgotamento das políticas liberalizantes e o unilateralismo predominante nos anos 1990, quanto pelas demandas por desenvolvimento do amplo leque de países periféricos”. A partir desta perspectiva, o artigo está organizado em três seções: a primeira analisa a formação do IBAS no contexto da transição sistêmica e de fortalecimento das relações Sul-Sul; a segunda aborda a organização e atuação do Grupo; e a última destaca as ações do Fundo de Alívio da Pobreza e da Fome, que a partir de sua criação em 2004, dedica-se não somente ao combate à fome e à pobreza, mas também à integração e ao desenvolvimento na África, na Ásia e na América Latina.

Já o texto “**Ciência, Tecnologia e Inovação no Fórum de Diálogo IBAS - construindo sinergias**”, de Anselmo Takaki, avalia o fórum trilateral Índia, Brasil e África do Sul (IBAS) em termos de sua potencialidade no campo da Ciência e Tecnologia. O autor destaca que, desde sua constituição, o Fórum de Diálogo IBAS vem construindo parcerias de natureza social, política e econômica. Mas para além destes âmbitos de atuação, os países do IBAS “possuem um estoque razoável de conhecimento científico e tecnológico que podem ser objetos de parcerias com possibilidades de aprendizado mútuo na escalada do progresso científico e tecnológico”. Tendo como horizonte de análise que a qualificação tecnológica e científica de recursos humanos se desdobra, naturalmente em expansão econômica, a pesquisa avalia indicadores de progresso científico - como o número de artigos científicos e os depósitos de patentes, buscando mensurar avanço tecnológico. Também aborda os planos de criação de um satélite entre os três países, a parceria entre Brasil e Índia na área da indústria farmacêutica e a questão do etanol de cana-de-açúcar, como exemplos de colaboração científica e tecnológica.

“**Peacekeeping: surgimento, mudanças e desafios**”, assinado por José Maurício Vieira Filho aborda o nascimento e os desafios das missões de paz hoje

em atividade no mundo. Lembrando que a Organização das Nações Unidas (ONU) é a principal instituição na promoção da paz mundial e que o seu surgimento coincide com a autorização das primeiras missões de paz realizadas no contexto pós-Segunda Guerra Mundial, o autor foca sua análise no que chama de “a mais tradicional estratégia de intervenção: a *peacekeeping*”. Como destaca o texto de Vieira Filho, desde 1945, esta estratégia não deixou de sofrer mudanças “e ainda representa um desafio da ONU em estabelecer a paz no mundo”. A partir de uma recuperação deste processo histórico, o artigo analisa não apenas o surgimento das missões de paz da ONU, mas destaca as mudanças ocorridas no escopo das tradicionais *peacekeeping* de acordo com três documentos institucionais que o autor elenca como centrais para a sua análise. São eles: *An Agenda for Peace*, *Brahimi Report* e *A New Partnership Agenda: Charting a New Horizon for UN Peacekeeping*. Finalmente, a reflexão busca elencar os enormes desafios destas missões face às complexidades dos conflitos armados no mundo.

Na sequência, o trabalho “**O fim do momento unipolar: o debate acerca do declínio dos Estados Unidos**”, de Gustavo Resende Mendonça reflete criticamente sobre um tema hoje em evidência nos estudos do campo. Como bem lembra o autor, “O possível declínio do poder norte-americano é um dos temas fundamentais das Relações Internacionais contemporâneas”. Assim, Mendonça propõe recuperar o atual debate acerca do declínio hegemônico do império americano e da ascensão da China como novo centro de poder mundial. A seguir, o autor busca definir as características centrais das duas principais correntes de pensamento sobre o tema: declinista e antideclinista. Assim, os antideclinistas argumentam – corretamente – que previsões de declínio e colapso são constantes na história dos Estados Unidos e que o pessimismo é uma tradição política fortemente enraizada na cultura norte-americana, desde a fundação das treze colônias originais. Desta forma, surtos fatalistas surgem a cada dez anos desde o fim da Segunda Guerra Mundial, sem jamais se concretizarem. Já para a corrente declinista, o fim da era norte-americana será consolidado pela ascensão de novos centros regionais de poder em áreas vitais do globo e pelas próprias fragilidades norte-americanas. Para além dos problemas econômicos dos EUA e de uma crise no sistema político do país (entendido como uma crise na democracia norte-americana), os argumentos dos declinistas se concentram nas ameaças externas. Do ponto de vista externo, dirá o autor, o desafio mais óbvio é o chinês, especialmente em virtude do rápido crescimento econômico do país asiático e do brusco incremento no orçamento militar do exército vermelho. Ao apresentar suas conclusões, o texto oferece alguns cenários possíveis levando em conta os acertos e as evidências de ambas as correntes.

Assinado por Bruno Theodoro Luciano, o artigo sugestivamente intitulado “**Abstrações imperfeitas: o uso de teorias e de conceitos em relações internacionais**”

propõe refletir sobre a utilização e as limitações das teorias em Relações Internacionais, bem como discutir a potencialidade de intercâmbio destas mesmas teorias pelo uso de conceitos, conforme sugerido pelo historiador e Professor Amado Cervo. Com base na Teoria Crítica e nos Estudos Pós-Coloniais, o autor discute a interpretação da “teorização” como instrumento hegemônico e a preferência pela “conceitualização” como recurso descolonizador. De fato, ambas as abordagens apresentam vantagens e “armadilhas”, que resultam em limitações para a construção de conhecimento. Assim, “Abstrações Imperfeitas” se propõe a avaliar as duas faces da aplicação tanto de conceitos como de teorias, indicando modelos alternativos de se pensar as Relações Internacionais, sem descartar plenamente os dois instrumentos de abstração explorados. Pois como bem lembra o autor, valendo-se de uma assertiva de Cox (1986) “toda teoria é sempre para alguém e para algum propósito”. O fato é que tal qual a teoria, conceitos são abstrações imperfeitas e podem conter vieses e limitações de mesma natureza. Daí que, assim como as teorias podem ser utilizadas pelos países do Ocidente com um propósito de dominação, traduzido por Cervo como *imperialismo epistemológico das teorias*, os conceitos podem ser vistos como instrumentos de descolonização de acadêmicos de países periféricos, com o propósito de se tornarem autônomos da academia ocidental e de construírem um conhecimento próprio, baseado em valores nacionais, regionais ou locais.

Das questões teóricas, a presente edição da **Século XXI** migra para a seara estética como um dos universos contemporâneos privilegiados de tematização e discussão das Relações Internacionais. “**Argo: uma aventura ocidental em terras orientais**”, co-escrito por Tatiana Zismann e Luisa Geisler, contempla o tema do *Soft Power* e oferece aos leitores uma reflexão sobre a representação cinematográfica (e os discursos que a partir daí são articulados) do conflito entre Estados Unidos e o Irã. Dirigido e estreado por Ben Affleck, “Argo” foi ganhador do Oscar de melhor filme em 2013. A narrativa centra-se na “espetacular” missão executada pela CIA, a Central de Inteligência Americana, a fim de retirar secretamente do Irã, em 1980, seis norte-americanos com as identidades falsas de uma equipe de cinema canadense. Como ressaltam as autoras, o fato de o prêmio de “Argo” haver sido anunciado pela primeira dama Michelle Obama reforçaria os desígnios políticos da produção cinematográfica cujo discurso que só faz aprofundar o antagonismo e a incompreensão da nação norte-americana frente ao Irã. A partir de uma colocação de Turner, o texto postula que a interpretação do sistema de valores socialmente criados e recriados na esfera fílmica necessita que se analise o próprio objeto filme como cultura, isto é, como “processo que constrói o modo de vida de uma sociedade: seus sistemas de produzir significado, sentido ou consciência, especialmente aqueles sistemas e meios de representação que dão às imagens sua significação cultural”.

E, por falar em valores, o último texto desta quarta edição da **Século XXI**, intitulado **“A Civilização ocidental frente à pós-modernidade: uma análise de valores”**, de Antônio Renato Henriques, empreende uma reflexão histórica e filosófica sobre os valores da civilização ocidental, questionando, provocativamente, para onde vamos, em tempos de condição pós-moderna. Tendo como ponto de partida os valores greco-romanos e judaico-cristãos que, plasmaram nossa civilização, o autor percorre uma trajetória que acrescentou a esta herança fundante, as concepções do Iluminismo e da modernidade liberal e capitalista. Em tempos de pós-modernidade dirá Henriques, há uma conservação e até mesmo uma exarcebação de certos valores greco-romanos - a ponto de falar-se de uma volta ao paganismo – enquanto observa-se uma perda do legado cristão, tornando a sociedade mais marcada pelo individualismo e hedonismo. Isso aponta não apenas para uma crise no humanismo como para indivíduos superficiais, falsos e vazios. O desafio da reflexão é o de identificar justamente as mudanças e transformações de valores de nossa civilização ocidental, confrontando-os com os valores contemporâneos de uma sociedade pós-moderna, neocapitalista e pós-industrial. O que perdura de nossas bases civilizacionais ocidentais e que novos valores surgiram com a pós-modernidade? Pode-se falar realmente numa crise de valores da civilização ocidental? São perguntas como estas que o texto busca esclarecer.

Assim, resta desejar aos nossos leitores que apreciem o conjunto de artigos aqui reunidos. Textos que, em sua diversidade, abarcam várias das possibilidades de tematização, análise e reflexão do campo das Relações Internacionais. Boa leitura!